

## Jacques Derrida: pensar a desconstrução

Evando Nascimento (Org.)  
S. Paulo: Estação Liberdade, 2005.

Carla Rodrigues  
(PUC-RJ)

Numa entrevista que se manteve inédita até a sua morte, realizada pelo jornal francês *Le Monde*<sup>1</sup> e publicada em caderno especial póstumo, o filósofo Jacques Derrida responde à questão que atravessou todo seu pensamento: o que é a desconstrução? Ele diz: “Se eu quisesse dar uma descrição econômica, elíptica da desconstrução, eu diria que é um pensamento da origem e dos limites da questão ‘o que é?’, a questão que domina toda a história da filosofia. Cada vez que se tenta pensar a possibilidade de ‘o que é’, de colocar uma pergunta sobre essa forma de questão, ou de se interrogar sobre a necessidade dessa linguagem dentro de uma certa língua, uma certa tradição, isso que se faz nesse momento não se presta senão a um certo ponto da questão ‘o que é’”<sup>2</sup>. Em outra entrevista, é a psicanalista Elisabeth Roudinesco quem afirma: “Às vezes tenho a impressão de que o mundo atual se parece um pouco com o senhor e seus conceitos, que nosso mundo está desconstruído e que se tornou derridiano a ponto de refletir, como uma imagem num espelho, o processo de descentramento do pensamento, do psiquismo e da historicidade que o senhor contribuiu para pôr em prática”<sup>3</sup>. O raciocínio de Roudinesco indicaria que a desconstrução não seria obra de Derrida, mas algo que, como o próprio filósofo afirma, *acontece*. Esse acontecimento, no entanto, não se daria sem traumas.

É em torno do *acontecimento* da desconstrução que gira a coletânea *Jacques Derrida: Pensar a desconstrução*, organizada por Evando Nascimento e editada em 2005 pela Estação Liberdade. O principal texto do livro é o inédito “O perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?”, íntegra da conferência<sup>4</sup> do filósofo

<sup>1</sup>A entrevista foi realizada em 30 de junho de 1992. Em edição especial póstuma, o jornal publicou apenas a resposta para a pergunta: “o que é a desconstrução”. *Le Monde*, 12 de outubro de 2004, p. 3.

<sup>2</sup> “Si je voulais donner une description économique, elliptique de la déconstruction, je dirais que c’est une pensée de l’origine et des limites de la question ‘qu’est-ce que?...’, la question qui domine toute l’histoire de la philosophie. Chaque fois que l’on essaie de penser la possibilité du ‘qu’est-ce que?...’, de poser une question sur cette forme de question, ou de s’interroger sur la nécessité de ce langage dans une certaine langue, une certaine tradition, etc., ce qu’on fait à ce moment-là ne se prête que jusqu’à un certain point à la question ‘qu’est-ce que?...’”. Tradução minha.

<sup>3</sup> DERRIDA, Jacques e ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã...* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 11.

<sup>4</sup> Conferência proferida durante o Colóquio Internacional “Jacques Derrida 2004: pensar a desconstrução – questões de política, ética e estética”, realizado na Maison de France, no Rio de Janeiro, em agosto de 2004, e promovido pela UFJF em parceria com o Consulado Geral da França.

no colóquio internacional realizado no Rio de Janeiro em agosto de 2004, dois meses antes de sua morte. Derrida foi um pensador engajado. Sobretudo, um filósofo interessado nas questões contemporâneas. Foi esse interesse que o levou, ainda em meados da década de 1980, a acompanhar o processo de fim do apartheid na África do Sul e suas conseqüências. A partir de 1994, ano em que Nelson Mandela instituiu a Comissão de Verdade e Reconciliação, que pretendia alcançar a “verdade” como condição para o perdão, Derrida acompanhou de perto o funcionamento da comissão sul-africana, parecendo particularmente interessado no mecanismo de *vir à tona*, identificando aí um movimento oposto ao do recalque que tudo esconde e oprime.

Ainda que em contextos diferentes, as reflexões de Derrida remetem o leitor brasileiro para a inegável pertinência do seu pensamento sobre o perdão num país como o Brasil, que escondeu a escravidão e o racismo de tal forma que é imensa a quantidade de pessoas que crê firmemente viver num país sem discriminação racial. Derrida interroga os objetivos da comissão sul-africana: trazer à tona o trauma e promover a reconciliação, ideal no qual ele localiza uma expectativa de transcendência (p. 61).

Numa discussão sobre as condições de possibilidade do perdão, Derrida mais uma vez desloca o foco. Ao invés de perder-se no debate sobre o mérito do perdão, afirma que só se pode perdoar o imperdoável. É desse paradoxo que surge a possibilidade de responsabilidade em relação ao perdão. Num diálogo filosófico amplo, que vai de Kant a Hegel, Derrida guia o leitor pelos caminhos da desconstrução também na política, o que remete à questão sobre o tipo de contribuição que o pensamento da desconstrução tem a dar no questionamento sobre os impasses da vida contemporânea.

Conciliar o pensamento dessa desconstrução que *acontece* e que aponta os limites da questão “o que é?” com prática política era um desafio para o filósofo, como ele mesmo explicou: “Obtendo êxito de maneira irregular, mas nunca o bastante, tentei, portanto, ajustar um discurso ou uma prática política às exigências da desconstrução. Não sinto um divórcio entre os meus escritos e os meus engajamentos, apenas diferenças de ritmos, de modo de discurso, de contexto, etc.”<sup>5</sup> Os engajamentos a que ele se refere são sua militância contra a pena de morte, sua defesa dos

<sup>5</sup> DERRIDA, Jacques. *Papel-máquina*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 348.

sem-documento, sua adesão à causa das minorias como mulheres, homossexuais, e sua luta contra o apartheid, essa que o levou a escrever sobre a experiência dos tribunais de perdão da África do Sul.

Na exploração da desconstrução a que o livro se propõe desde seu título, o texto de abertura, “O perdão, o adeus e a herança em Derrida: atos de memória”, assinado pelo organizador Evando Nascimento, serve de ótimo fio condutor para quem deseja caminhar pelo pensamento de Derrida. Uma forma de dar as boas-vindas aos que estão chegando agora, mas também um desbravamento pelo trabalho do filósofo em relação a questões contemporâneas. Evando nos guia pelas trilhas, pelos rastros que nos levam ao último Derrida, aquele que esticou até o limite sua definição para filosofia: “Pensar em ação, fazendo algo”.<sup>6</sup>

<sup>6</sup>Entrevista publicada em <http://indymedia.a112a11.org/mail.php?id=83123>. Endereço consultado em 20 de maio de 2005.

## Hospitalidade e acolhimento

*Jacques Derrida: Pensar a desconstrução* também é uma demonstração do acolhimento que o pensamento de Derrida teve no campo da Literatura. São dezenove artigos que, de alguma forma, estão relacionados ao tema. O livro agrupa textos por afinidade temática: “Políticas da desconstrução”, “Desconstrução, hospitalidade e tradição de pensamento”, “Derrida e a tradução” e “Querer acreditar. Nas mãos do intelecto”. É do pioneiro Silviano Santiago, a quem cabe o mérito de ter sido um dos primeiros a trazer a leitura de Derrida para os departamentos de Letras no Brasil, nos idos da década de 1970, um texto que explora a *différance* derridiana como a subversão de uma letra. O incômodo *a* que, acrescentado à palavra francesa *différence*, impede a diferenciação entre o vocábulo escrito e falado, confundindo as regras que deveriam separar claramente *phoné* e escrita. Esse incômodo Santiago identifica também na proposta de responsabilidade, trabalhada por Derrida sobretudo em *Donner la mort*,<sup>7</sup> e discutida por Santiago em “O silêncio, o segredo, Jacques Derrida”. Também no campo das Letras estão artigos como “Aquele que desprende a ponta da cadeia”, de Leyla Perrone-Moisés, que aproxima Derrida do pensador francês Roland Barthes, e o belo trabalho de Kathrin Holzermayr Rosenfield sobre Machado, Rosa, Musil e Clarice Lispector.

<sup>7</sup>DERRIDA, Jacques. *Donner la mort*. Paris: Galilée, 1999.

<sup>8</sup> DERRIDA, Jacques. This strange institution called literature: interview. In: ATTRIDGE, Derek (Ed.) *Jacques Derrida: acts of literature*. Nova York/Londres: Routledge, 1992.

<sup>9</sup> NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura*. Niterói: EdUFF, 1999, p. 274.

<sup>10</sup> DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

É verdade que Derrida soube retribuir a atenção merecida nos departamentos de Letras. Derrida definiu a literatura como o lugar onde se pode dizer tudo<sup>8</sup>, o lugar mais interessante do mundo, talvez mais interessante *do que* o mundo. Menos por pretender criar algum fetiche em torno da literatura<sup>9</sup> e mais para salvaguardar o espaço literário como esse lugar de abertura. Quando diz que “o sujeito da escrita é um sistema de relações em camadas: da lousa mágica, da psique, da sociedade, do mundo” e que, “no interior dessa cena, a simplicidade pontual do sujeito clássica é impossível de ser encontrada<sup>10</sup>”, Derrida está mais uma vez tirando o fundamento do solo no qual deveriam florescer conceitos sólidos para a compreensão do mundo. No entanto, na Literatura, pode-se afirmar que esse abalo é parte constituinte, o que seria uma das razões para a valorização que Derrida faz da Literatura como lugar de abertura.

Esse descentramento que destacou na escrita ou na psicanálise, o filósofo tentou espalhar para o campo do político até o limite máximo, sempre propondo deslocamentos. Seria seguro afirmar que são justamente esses deslocamentos, esses reenvios de sentido que fazem com que Derrida seja mais lido nos departamentos de Letras ou entre os teóricos da Psicanálise do que na Filosofia? O livro é uma demonstração de como esse processo também se deu no Brasil – e é importante ressaltar que o fenômeno se reproduz em todos os países do Ocidente que se puseram a ler Derrida.

Entre os vinte e um artigos publicados, há apenas um filósofo brasileiro, o professor da PUC-RJ Paulo Cesar Duque-Estrada. A solidão filosófica poderia indicar um certo apego da Filosofia ao pensamento da verdade como fundamento, numa perspectiva que Derrida trabalhou para desconstruir. É em “Derrida e a crítica heideggeriana do humanismo” que Duque-Estrada explora o postulado humanista de volta ao sujeito. O autor lembra que Derrida desconstrói a noção de identidade para substituí-la por *identificação*, esta mais próxima de um processo, de um movimento, de um devir permanente que nunca se dá completamente, do que a rigidez da identidade fixa, própria e apropriada. Para Derrida, o que forma uma identidade é aquilo que já a desloca, num processo que se repete indefinidamente<sup>11</sup>. Já naqueles que reivindicam a volta ao sujeito da tradição haveria o desejo de ancorar a questão do ser em portos supostamente mais sólidos do que os *indecidíveis* derridianos.

<sup>11</sup> DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Derrida e a escritura. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar (Org.). *Às margens da filosofia*. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ/Edições Loyola, 2002.

Duque-Estrada demonstra que a desconstrução está sendo posta sob suspeita (p. 247) porque, no seu descentramento do sujeito, é acusada de não ter nada de substancial a oferecer diante de um quadro político marcado pelo recrudescimento do fundamentalismo religioso, pela violência urbana crescente, pela globalização que tudo entrega às mãos invisíveis do mercado. A crítica da insistência no humanismo, que Derrida<sup>12</sup> identifica inclusive no pensamento de Heidegger, poderia ser o ponto fraco no qual os postuladores da volta ao sujeito percebem a desconstrução como o pensamento que “não tem nada a dizer.” No entanto, Duque-Estrada lembra que a clausura pode estar no pensamento que insiste no homem (p. 254).

Ainda no âmbito da filosofia, é no artigo “Mal *de* hospitalidade”, da filósofa portuguesa Fernanda Bernardo, que o leitor encontrará de maneira precisa a ligação entre desconstrução e hospitalidade, para demonstrar como o acolhimento ao estrangeiro, ao outro que se apresenta a partir da desconstrução, a esse outro que emerge quando a desconstrução acontece, como esse incondicional sim ao estrangeiro, essa hospitalidade a todo e qualquer outro que “define a desconstrução como movimento de pensamento” (p. 193).

<sup>12</sup> DERRIDA, Jacques. Os fins do homem. In: DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus, 1991, p. 161.

## Etapas e deslocamentos

Há quem pretenda dividir o pensamento de Derrida em duas etapas – a primeira, a da desconstrução do signo, presente em textos do final da década de 1960, dos quais *Gramatologia* (1967) é o mais exuberante. A categoria compreenderia também *A différance* (1968), *A farmácia de Platão* e *A Disseminação*, ambos de 1972. Já o último Derrida seria aquele filósofo que ousou abarcar na sua obra questões políticas contemporâneas e, por isso, teria vindo ao Brasil, meses antes de morrer, falar sobre pena de morte e perdão. A divisão, creia-se nela ou não, serve os críticos tanto do primeiro quanto do último Derrida. De uma proposta de desconstrução que estaria apenas “lendo textos de outro modo”, ele teria passado a discutir temas supostamente alheios à filosofia. Por isso, perguntam os filósofos dogmáticos, para usar uma expressão derridiana, o que perdão tem a ver com a filosofia e com a questão primeira – “o que é”?

Quando, em *Gramatologia*, Derrida começa a questionar o

signo como portador de uma *unidade natural* entre significante (palavra) e significado (sentido), põe também em questão a tradição metafísica que estaria implicada na idéia de que a linguagem carrega a possibilidade de expressão de uma verdade transcendental. Ao desfazer a estrutura binária significante/significado, ele aponta para o “caráter arbitrário do signo” e questiona a existência da *ligação natural* entre significante e significado, o que equivale a suspender esse conjunto de supostas oposições entre sensível/inteligível, dentro/fora, presença/ausência. Daí em diante, há um longo caminho a percorrer até chegar à abordagem política do “último Derrida”, que parte da ausência de fundamentos para identificar violências, que joga com os indecidíveis para questionar verdades, mesmo – ou principalmente – aquelas ditas em nome do Bem.

Pode-se reconhecer que Derrida foi um pensador em ação, que trilhou o tênue fio entre desconstrução e prática política. Com isso, teria ele *contaminado* o pensamento filosófico, desviando-o da questão “o que é”? Ao questionar os limites dessa pergunta tão cara à filosofia, Derrida abriu-se à perspectiva de não apenas não ter as respostas prontas, mas ousar dizê-lo. *Pensar a desconstrução* é um livro que, no seu espectro amplo de abertura a diferentes leitores de Derrida no Brasil e no exterior, monta um mosaico de como o pensamento da desconstrução *acontece*, para além do jogo de ausência/presença do último Derrida entre nós.